RBTCC Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva
e-ISSN: 1982-3541

2021, v. 23, pp. 1–16, e211687
Seção Especial História e Ensino da Análise do Comportamento

Uma homenagem a João Claudio Todorov: O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento

A tribute to João Claudio Todorov: Grief and death from the perspective of Behavior Analysis

Un homenaje a João Claudio Todorov: Luto y muerte desde la perspectiva del Análisis del Comportamiento

Ana Karina C. R. de-Farias[1, 2], Flávia Nunes Fonseca[3], Lorena Bezerra Nery[3, 4], Ana Elisa Valcacer-Coelho[5], Cristiano Coelho[5, 6], Reginaldo Pedroso[7], Samuel de Araujo Fonseca[2, 8], Matheus Andrade[2, 8], Bárbara Adrielle Gomes da Silva[2, 8], Karla Cristina Nunes Félix Gomes[2, 1, 9], Louanne Emanuelle Rufino de Almeida[8, 10], Hellen Ormond[2], Vivian Figueiredo[6], Viviane Alonso de Paula Sperandio

1 Centro de Atenção Multiprofissional (CaMtos), 2 Consultoria e Treinamento em Análise do Comportamento Ltda (EncaMtos), 3 Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 4 Eixo Norte, 5 AEC Psicologia, 6 Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 7 Universidade Federal de Rondônia, 8 Universidade Estadual do Piauí, 9 Clínica ABA-SER, 10 Instituto Dom Barreto,

Histórico do Artigo

Recebido: 22/11/2021.
1ª Decisão: 07/12/2021.
Aprovado: 03/03/2022.

DOI

10.31505/rbtcc.v23i1.1687

Correspondência

Ana Karina C. R. de-Farias
akdefarias@gmail.com

SGAS 910, Bloco E, Sala 111.
Ed. Mix Park Sul.
Brasília-DF.

Editor Responsável

Hernando Borges Neves Filho

Como citar este documento

de Farias, A. K. C. R., Fonseca, F. N., Nery, L. B., Valcacer-Coelho, A. E., Coelho, C., Pedroso, R., Fonseca, S. A., Andrade, M., Silva, B. A., Gomes, K. C., Almeida, L. E., Ormond, H., Figueiredo, V., & Sperandio, V. A. (2021). Luto: Uma homenagem a João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *23*, 1–16. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1687

ABPMC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO COMPORTAMENTO

OPEN ACCESS

2021 © ABPMC. É permitido compartilhar e adaptar. Deve dar o crédito apropriado, não pode usar para fins comerciais.

Resumo

Abordar os temas morte e luto não é tarefa fácil, embora imprescindível para psicólogos. Esses assuntos se tornam ainda mais relevantes em situações de grande crise (como num contexto de pandemia) e, também, quando falamos da morte de pessoas famosas, por conta da comoção gerada pela perda. O luto é um processo comportamental complexo e, em seu tratamento, o indivíduo deverá aceitar a realidade da perda e aprender a viver em um mundo sem a presença física daquela pessoa, entrando em contato com novos reforçadores. A redação deste artigo foi motivada pela triste partida de João Claudio Todorov, analista do comportamento, professor, gestor, divulgador da ciência. Sua trajetória foi e continuará sendo inspiradora a analistas dos comportamentos por muito tempo e, por isso, é brevemente mencionado no artigo em seguir. Esperamos manter contato com seu legado, e que isso continue a influenciar tantos profissionais de nossa área.

Palavras-chave: luto; morte; Análise do Comportamento; Análise Comportamental Clínica; Todorov.

Abstract

Addressing the themes of death and mourning is not an easy task, although indispensable for psychologists. These issues become even more relevant in situations of great crisis (as in a pandemic context) and also when we talk about the death of famous people, because of the commotiongenerated by the loss. Grief is a complex behavioral process and, in its treatment, the individual must accept the reality of the loss and learn to live in a world without the physical presence of that person, coming into contact with new drivers. The writing of this article was motivated by the sad departure of João Claudio Todorov, behavior analyst, professor, manager, popularizer of science. The writing of this article was motivated by the sad departure of João Claudio Todorov, behavior analyst, teacher, manager, science disseminator. The writing of this article was motivated by the sad departure of João Claudio Todorov, behavior analyst, teacher, manager, science disseminator. His trajectory has been and will continue to be inspiring to behavior analysts for a long time and is therefore briefly mentioned in the following article. We hope to keep in touch with your legacy, and that this continues to influence so many professionals in our field.

Key words: grief; death; Behavior Analysis; Clinical Behavioral Analysis; Todorov.

Resumen

Abordar los temas de la muerte y el duelo no es una tarea fácil, aunque indispensable para los psicólogos. Estos temas cobran aún más relevancia en situaciones de gran crisis (como en un contexto pandémico) y también cuando hablamos de la muerte de personajes famosos, por la complacencia que genera la pérdida. El duelo es un proceso conductual complejo y, en su tratamiento, el individuo debe aceptar la realidad de la pérdida -que implica perder el acceso a estímulos antecedentes, establecer operaciones y estímulos consecuentes - y aprender a vivir en un mundo sin la presencia física de esa persona, entrando en contacto con nuevos potenciadores, manteniendo el contacto con lo vivido con ella. La redacción de este artículo fue motivada por la triste partida de João Claudio Todorov, analista del comportamiento, profesor, gerente, divulgador de la ciencia. Su trayectoria ha sido y seguirá siendo inspiradora para los analistas de comportamiento durante mucho tiempo y, por lo tanto, se menciona brevemente en el siguiente artículo. Esperamos mantenernos en contacto con su legado, y que esto siga influyendo en tantos profesionales en nuestro campo.

Palabras clave: duelo; muerte; Análisis de Comportamiento; Análisis Clínico Conductual; Todorov.

Uma homenagem a João Claudio Todorov: O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento

Ana Karina C. R. de-Farias[1, 2], Flávia Nunes Fonseca[3], Lorena Bezerra Nery[3, 4], Ana Elisa Valcacer-Coelho[5], Cristiano Coelho[5, 6], Reginaldo Pedroso[7], Samuel de Araujo Fonseca[2, 8], Matheus Andrade[2, 8], Bárbara Adrielle Gomes da Silva[2, 8], Karla Cristina Nunes Félix Gomes[2, 1, 9], Louanne Emanuelle Rufino de Almeida[8, 10], Hellen Ormond[2], Vivian Figueiredo[6], Viviane Alonso de Paula Sperandio

1 Centro de Atenção Multiprofissional (CaMtos)
2 Consultoria e Treinamento em Análise do Comportamento Ltda (EncaMtos)
3 Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal
4 Eixo Norte
5 AEC Psicologia
6 Pontifícia Universidade Católica de Goiás
7 Universidade Federal de Rondônia
8 Universidade Estadual do Piauí
9 Clínica ABA-SER
10 Instituto Dom Barreto

Abordar os temas morte e luto não é tarefa fácil, embora imprescindível para psicólogos. Esses assuntos se tornam ainda mais relevantes em situações de grande crise (como num contexto de pandemia) e, também, quando falamos da morte de pessoas famosas, por conta da comoção gerada pela perda. O luto é um processo comportamental complexo e, em seu tratamento, o indivíduo deverá aceitar a realidade da perda e aprender a viver em um mundo sem a presença física daquela pessoa, entrando em contato com novos reforçadores. A redação deste artigo foi motivada pela triste partida de João Claudio Todorov, analista do comportamento, professor, gestor, divulgador da ciência. Sua trajetória foi e continuará sendo inspiradora a analistas dos comportamentos por muito tempo e, por isso, é brevemente mencionado no artigo em seguir. Esperamos manter contato com seu legado, e que isso continue a influenciar tantos profissionais de nossa área.

Palavras-chave: luto; morte; Análise do Comportamento; Análise Comportamental Clínica; Todorov.

Um chavão: "a morte é a única certeza que temos na vida". Não há como duvidar disso. E, mesmo assim, muitas vezes, duvidamos momentaneamente que algumas mortes possam ter ocorrido. A forma como um indivíduo lida com a realidade da morte depende de uma série de fatores, que a literatura aponta como mediadores do luto: idade do falecido, tipo/causa da morte, história de vida com relação a mortes em geral, história de vida com a pessoa específica que se foi, relação atual (afetiva ou profissional, por exemplo) com a pessoa que morreu, intensidade ou frequência do contato com a pessoa em sua vida, possibilidade de despedida ou morte repentina (Nascimento, Nasser, Amorim, & Porto, 2015; Worden, 1988/2013)

A morte de pessoas famosas, por exemplo, costuma gerar grande comoção em pessoas que só conheciam o falecido pela mídia ou por sua produção (técnica, científica ou artística), porque há a impressão de presença daquela pessoa em sua vida, de pertencer a um grupo que acompanhava essa pessoa, por seguir seus exemplos e/ou por se lembrar de sua própria finitude. Estamos, portanto, falando de controle de estímulos daquela pessoa e de sua partida em relação aos comportamentos de pessoas que não a conheciam diretamente (Nunan, 2020).

Um exemplo dessa comoção é a morte do Professor Doutor João Claudio Todorov, em 07 de julho de 2021, com 80 anos recém completados. Aposentado pela Universidade de Brasília (UnB), Todorov exerceu o cargo de reitor (por votação majoritária de professores, servidores e alunos) por dois mandatos seguidos (em 1989 e 1993), posteriormente permaneceu como pesquisador associado desta universidade até, literalmente, os momentos finais de sua vida, orientando alunos de Mestrado e Doutorado. Sua relevância como psicólogo, analista do comportamento, professor, gestor, divulgador e defensor da ciência é indiscutível. O impacto de seu falecimento, na comunidade de analistas do comportamento, motivou a redação desse texto, relacionando essa perda a um tema tão atual e relevante: o luto.

O presente artigo aborda os temas morte e luto sob o viés da Análise do Comportamento, com o objetivo final de prestar uma homenagem a um grande cientista que perdemos em 2021. Enfatiza-se a multideterminação do processo de enlutamento e utiliza-se o falecimento do professor Todorov para ilustrar os impactos de uma perda de grande magnitude, tanto em dimensões individuais como coletivas.

Nesse sentido, será abordado como o tema "morte" pode ser entendido a partir de um viés analítico-comportamental e, desse modo, estar entre as variáveis ambientais a serem incluídas em diversos tipos de análise e interpretação de dados, assim como de intervenções em diferentes contextos (e.g., clínicas, escolas, empresas, sistema público de saúde). Além disso, ressalta que entrar em contato com doenças que nos lembram mais claramente sobre a própria morte pode nos possibilitar viver uma vida mais significativa e com propósito, como acreditamos ter sido a do Professor Todorov. O professor não faleceu em decorrência da pandemia de COVID-19. Entretanto, os rituais fúnebres estavam mais esvaziados e muitos de seus amigos e admiradores não moravam em Brasília. Desse modo, um livro virtual de visitas foi utilizado para prestar condolências à família, o que será explicado melhor mais à frente.

O texto a seguir trata da Morte e do Luto em uma perspectiva comportamental, utilizando o caso do Professor Todorov como modelo para algumas interpretações comportamentais acerca desses fenômenos. O luto é brevemente abordado – o que ele costuma promover na sociedade, apontando a visão clássica de E. Kübler-Rosss e de J. W. Worden, que se refere a tarefas do Luto (mudanças comportamentais que nos levariam a lidar de forma menos sofrida, mais eficiente com esse processo geralmente tão doloroso).

Uma breve biografia do professor é apresentada, até culminar em fotos que ilustram sua disponibilidade e alegria em falar de ciência, e mais

especificamente de Análise do Comportamento, para pessoas de todas as idades e formações[1].

A Morte

A morte pode ser entendida como um processo de extinção das relações estabelecidas entre o falecido e as pessoas que ficam. Em outras palavras, há uma quebra da relação de contingências nas quais aquele organismo tinha alguma participação, seja como como estímulo antecedente eliciador ou discriminativo (i.e., que controlava uma resposta respondente ou operante de outrem) ou como estímulo consequente ou liberador de consequências para os operantes emitidos por outrem. Pode, também, ser entendido como uma operação estabelecedora de privação e/ou de estimulação aversiva (Oliveira, 2014). Operações estabelecedoras são eventos ambientais antecedentes que podem alterar momentaneamente a efetividade reforçadora de um estímulo (efeito estabelecedor do reforço) e evocar, também momentaneamente, a probabilidade de respostas que o produzem (efeito evocativo) (Michael, 1982, 1993; Miguel, 2000). Os exemplos mais comuns são saciações, privações e estimulações aversivas. No primeiro caso, o valor reforçador das consequências que mantêm determinado comportamento é diminuído, momentaneamente, ocorrendo o mesmo com a probabilidade da classe de respostas que produz aquelas consequências reforçadoras. Na privação e na estimulação aversiva, ocorre o oposto. Com relação ao luto:

> "Privação implica ausência de uma pessoa ou objeto necessários. (...) Privação significa a falta daqueles 'suprimentos' essenciais que foram anteriormente fornecidos pela pessoa perdida. (...) As pessoas têm necessidade de outras pessoas, e a perda do marido amado, da mulher ou de um filho, provavelmente deixa um grande vazio" (Parkes, 1998, pp. 26- 27).

Nesse sentido, os enlutados perdem acesso a estímulos antecedentes (eliciadores e discriminativos), a operações motivadoras e a estímulos consequentes (reforçadores positivos ou negativos). Ou seja, o falecido apresentava funções de estímulos para o enlutado, e é muito comum vermos pessoas enlutadas emitindo mais frequentemente respostas públicas e privadas controladas pela perda (e.g., chorar, sonhar, lembrar, falar sobre a pessoa ou situações em que ela esteve ou poderia estar envolvida, procurar pela pessoa como se ela ainda estivesse fisicamente presente, ver ou ouvir a voz da pessoa como se ela estivesse ali) (Hoshino, 2006; Nascimento et al., 2015; Torres, 2010; Worden, 1988/2013).

A morte (seja a sua própria ou a dos demais) possui significados científicos, culturais e subjetivos (Adichie, 2021; Ariès, 1975/2003; Combinato & Queiroz, 2006; Nascimento, Silva, Silva, & Pereira, 2006). Aguiar, Veloso, Pinheiro e Ximenes (2006, citado por Souza, 2020, p. 6) afirmam que:

---

[1] Fotos do professor podem ser encontradas em diversos meios. Entretanto, são fotos que se repetem e muitos dos leitores já devem conhecê-las. Algumas são apresentadas como suplemento do presente artigo.

> "Falar sobre morte, abstrata ou específica, é falar do que se está fazendo, do que não se fez, de plano, sonhos, perdas, do tempo que se foi, do que ainda resta. A morte do outro é uma lembrança da própria morte, e nisto consiste a dificuldade das pessoas em dar àqueles que morrem a ajuda e a afeição de que necessitam, ao se despedir dos outros".

Nesse sentido, pode-se afirmar que o processo de adoecimento e morte, assim como os sentimentos, pensamentos e ações públicas de familiares, cuidadores e amigos do falecido, são multideterminados e dependem de variáveis dos três níveis de variação e seleção pelas consequências: filogenia, ontogenia e cultura (Skinner, 1981/2007).

Entender a reação de um indivíduo diante da morte/perda de um vínculo significativo e seus comportamentos públicos e privados relacionados à perda, envolve analisar funcionalmente a história de interações desse indivíduo específico com a morte em geral, com a causa daquela morte especificamente e a significação que seu grupo atribui a ela (por exemplo, algumas pessoas acreditam, equivocadamente, que ter o diagnóstico e morrer por câncer ou conviver com HIV-AIDS é uma punição a algum comportamento moralmente inadequado e, por isso, sentimentos de vergonha ou culpa podem estar presentes no processo de luto relacionado a mortes por essas doenças), como ele vê o que conseguiu viver na relação, o legado do falecido, o que gostaria de ainda ter feito junto a ele. Estamos falando, portanto, de regras e autorregras, modelos e exposição direta às contingências. Muitas relações históricas e atuais com seu ambiente fisiológico/biológico, físico e social (incluindo família, igreja, escola, amigos, mídia, redes sociais, etc.) precisam ser revistas e trabalhadas, na medida do possível (de-Farias, Souza, Jaime, Prado, & Córdova, submetido à publicação; Nascimento et al., 2006; Souza e Souza et al., 2013).

Alckmin-Carvalho e Pereira (2019) discutem como o contato com o adoecimento e a possibilidade de morte iminente podem transformar a vida de um indivíduo[2]. Utilizando-se dos conceitos da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT, do inglês Acceptance and Commitment Therapy), os autores apresentam casos de clientes que revisaram seus valores, suas próprias perspectivas, desejos e prioridades, e passaram a se comportar de acordo com eles (e não da forma como outras pessoas esperavam), diminuindo a esquiva experiencial (esquiva do contato com os próprios pensamentos e sentimentos). Desse modo, após receber um diagnóstico de doença grave, a terapia pode promover aceitação da doença e da morte, e o compromisso com a emissão de comportamentos que levem a uma vida mais significativa, mais flexível e mais valiosa.

Tendo em vista tudo o que foi discutido até aqui, pode-se afirmar que: "Você não pode mudar o fato de que vai acabar um dia. Mas você pode

[2] Silva (2019) relata seu processo de descoberta de um câncer de mama, aos 29 anos, deixando clara a relevância dos cuidados psicoterapêuticos para o sucesso de seu tratamento.

mudar o modo como se relaciona com esse fato" (Vomero, 2002). Em linguagem analítico-comportamental:

> "A partir do momento que reflexões sobre a morte estão presentes no repertório de um indivíduo é mais provável que ele se exponha às contingências aversivas que envolvem perdas e consiga lidar melhor com elas. O sofrimento é inevitável, mas uma mudança no controle de estímulos pode facilitar a vivência de uma grande dor" (Oliveira, 2014, p. 32).

Entender o tema morte, associado a um diagnóstico de uma doença difícil ou incurável, da maneira como a que foi aqui exposta, nos faz admirar ainda mais o trabalho do Professor Todorov. Apesar de conviver com uma condição de saúde grave – Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) – e do agravamento gradual de sua condição de saúde, ao longo de diversos anos, Todorov seguiu convivendo com a família, trabalhando, produzindo pesquisas, orientando estudantes presencialmente (na universidade e em sua residência) e de forma online, compartilhando reflexões nas redes sociais (produzia muitos posts no Twitter® e no Facebook®), etc. No Facebook®, por exemplo, foi necessário criar duas contas em seu nome, porque a rede suporta apenas 5000 seguidores por perfil. Seus posts, portanto, atingiram professores e alunos distantes, e são mencionados em textos, canecas, blusas e falas de analistas do comportamento entusiasmados com o que puderam aprender com ele, mesmo sem nunca o ter visto. Cabe, aqui, ressaltar seu blog (uma espécie de site individual, que contém textos menores e menos criteriosos do que aqueles postados em periódicos científicos. O Professor publicava pequenos textos, sobre assuntos cotidianos ou experimentais sempre relacionando-os à Análise do Comportamento, desde 2010. O Blog segue ativo, em https://jctodorov.blogspot.com/, com 129 textos e 672 seguidores. Seu Currículo Lattes (http://lattes.cnpq.br/3546907053144539) também mantém o registro online de todas as publicações e projetos do Professor.

Luto

O luto consiste em uma vivência esperada diante da perda de uma pessoa ou um objeto significativo (Parkes, 2009). Trata-se de experiência vivida de forma única e singular, embora seja contextualizada em relação aos costumes fúnebres, às regras religiosas e aos comportamentos emocionais e sociais esperados na comunidade ou grupo de referência identitária em que a pessoa enlutada se insere (Luna, 2020). A despeito do contexto social que sinaliza alguns padrões de comportamento esperados para pessoas em luto em cada cultura, enfatiza-se a importância de uma perspectiva pluralista, que contemple a diversidade de possíveis experiências e que seja sensível às necessidades, demandas, preferências e tradições que fazem sentido para cada pessoa enlutada, de modo que deve ser respeitado cada processo singular/único, além dos processos coletivos típicos de determinada comunidade (Braz & Franco, 2017).

A morte de uma pessoa querida impõe a experiência de ruptura com o mundo com ela partilhado, com o mundo até então conhecido (Michel & Freitas, 2019). Coerentemente, Arantes (2016, 2020) destaca que o luto, definido como o processo que se segue ao rompimento de um vínculo significativo, pode afetar a percepção de segurança e a ilusão de controlabilidade daqueles que ficam, possivelmente comprometendo, inclusive, seu senso de identidade. Quando se rompe definitivamente a relação com um ente muito importante, alguém que representava um parâmetro para a sua identidade e para as funções desempenhadas, as pessoas que enfrentam a perda podem ter dificuldade de reconhecerem a si mesmas, diante do afastamento daquele olhar que definia parte de quem eram (Arantes, 2016, 2020). Assim, o processo de luto envolve transformação. A vida que se tinha antes da perda nunca mais será a mesma, mas novas possibilidades podem ser construídas, e a reconexão com a pessoa que morreu por meio das experiências compartilhadas com ela e que seguirão com quem ficou, apesar da partida, pode contribuir para essa construção de novas perspectivas (Arantes, 2016; Luz, 2021).

Nesse contexto, ainda que seja definida como uma reação humana e universal à perda (Luna, 2020; Parkes, 2009), a experiência de luto pode trazer grande sofrimento, demandando esforço intenso para adaptação às novas condições de vida, bem como o desenvolvimento de novos repertórios (Fiocruz, 2020, 2021; Freire et al., submetido à publicação; Luz, 2021; Luna, 2020; Nery, submetido à publicação; Nery & Fonseca, submetido à publicação; Parkes, 2009; Santos, Yamamoto, & Custódio, 2018). Outro aspecto que merece destaque é que, apesar de ser caracterizado pela experiência de sofrimento, o luto não é uma patologia ou doença, mas parte do processo natural da vida (Arantes, 2016; Oliveira, 2014). O processo de luto pode ser analisado, portanto, a partir de uma compreensão funcional, de forma que as reações da pessoa enlutada serão descritas como um conjunto de respostas em interação com o ambiente (Hoshino, 2006). A Análise do Comportamento analisará o luto a partir da história de variação e seleção pelas consequências em três níveis: filogenético, ontogenético e cultural. Supõe-se, por exemplo, que há influências biológicas para que a separação influencie respostas instintivas de reparação (Hoshino, 2006; Nascimento, Nasser, Amorim & Porto, 2015; Worden, 19882013).

Do ponto de vista ontogenético (individual), deve-se ressaltar:

> "O processo do luto não é laborioso à toa, pois é nele que *reorganizamos* alguns dos nossos pilares e *valores* de vida. A valiosa etapa de *sentir* a dor e dar espaço para os respondentes de todas as fases nos permite *resgatar* algumas das nossas relações mais íntimas e profundas e que nos direcionam para os nossos valores: 'O que nos importa de verdade?' Não é o estímulo que ficou diferente, mas é a nossa relação com ele que está se transformando e, através de uma *elaboração* intensa do luto, aprendemos a atribuir novos significados e sentidos para nossa relação com a

> perda, tirando dela um pouco mais sobre nós mesmos: ressignificação" (Nicolodi, 2020, itálicos adicionados).

Culturalmente, quando se fala em luto, é comum abordar o modelo de fases, desenvolvido pela psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross, em sua reconhecida obra "Sobre a morte e o morrer" (1969/1996). A autora, que entrevistou e cuidou de pacientes em fase final de vida (que eram pouco cuidados por outros médicos e pela equipe de Enfermagem, até então), identificou mecanismos e comportamentos das pessoas diante de uma doença incurável:

- Negação – nega a existência do problema; nega-se a falar ou pensar sobre o assunto; alguns continuam levando a vida normalmente;
- Raiva – pode haver inconformidade e agressividade, perda de apetite, distúrbios do sono;
- Barganha ou negociação;
- Depressão – pode haver sensação de vazio, desamparo, isolamento, cansaço; e
- Aceitação – reorganização de ideias e possibilidade de melhor enfrentamento.

Vale ressaltar que a própria Kübler-Ross (1969/1996) apontou que seus dados foram coletados de forma verbal, sem controle experimental, e com pessoas que já estavam bastante doentes. Além disso, segundo ela, não se observam todas as fases e a ordem previamente descrita para todos os indivíduos, mas há variações neste processo. Embora a autora tenha trabalhado com pacientes que estavam perdendo a própria saúde, a própria vida, o modelo é transposto para se referir a reações comumente observadas no luto por mortes de entes queridos.

Lincoln Gimenes (2012) – também professor da UnB, falecido em 2016, a quem rendemos homenagens – fez uma analogia entre o modelo de fases do luto e as mudanças comportamentais observadas no processo de extinção operante.

• Negação – burst. Respostas de pressão à barra continuam, a despeito da mudança das contingências;

• Raiva –agressividade adjuntiva. Rato começa, por exemplo, a morder a barra;

• Barganha – variabilidade comportamental. Volta a pressionar a barra, emite respostas com topografias diferentes, na tentativa de produzir reforçadores;

• Depressão – Diminuição da taxa de respostas operantes e efeitos respondentes. Animal para de responder. Isola-se; e

• Aceitação – retorno ao nível operante. Volta a emitir outras respostas, como andar pela caixa e farejar.

É interessante pensar nessa analogia. Ela permite que se reconheçam alguns comportamentos que podem estar presentes em pessoas enlutadas e leva em consideração a morte como uma contingência de extinção. No

entanto, o modelo de fases não nos oferece muitas estratégias de intervenção para o luto, e traz pouca autonomia à pessoa enlutada.

James W. Worden (1988/2013) apresenta um modelo de tarefas a serem resolvidas ao longo do processo de luto. Isso abre maiores possibilidades para que o terapeuta analise funcionalmente (individualmente) e possa trabalhar com seu cliente a classe de respostas denominadas luto para aquele indivíduo específico (e.g., chorar muito frequentemente, sentir muita dor ou pesar, evitar frequentar lugares antes frequentados pelo ente falecido, esquiva experiencial, continuar ouvindo barulhos de aparelhos que ajudavam na manutenção da vida do falecido – por exemplo, o respirador ou o monitor de batimentos cardíacos –, dentre outros). As quatro tarefas são descritas a seguir, a partir de uma releitura proposta por Nascimento, et al. (2015). A conclusão de cada uma delas é importante no processo de enfrentamento do luto.

1. Aceitar a realidade da perda. Segundo Worden (19882013), "Para resolver essa tarefa, é necessária a aceitação intelectual e emocional da perda, considerando que não é suficiente apenas falar que a pessoa está morta, mas também (...) que as emoções permitam plena aceitação da informação como verdadeira" (p. 23). Em linguagem analítico-comportamental, estamos falando em controle de estímulos sobre comportamentos respondentes e operantes. Os processos comportamentais de sensopercepção, atenção, evocação de memórias, de buscar pela presença do falecido e de esquiva experiencial de sentimentos relacionadas ao ente falecido se alteram.

2. Processar a dor do luto. O enlutado começa a entrar em contato com as contingências atuais, com a ausência do outro indivíduo, e a não se esquivar da dor, das lembranças e do contato com fotos e outros objetos relacionados ao falecido. Comportamentos tidos como patológicos podem resultar da falta de expressão do sofrimento; nesse sentido, trabalhá-la é relevante para a resolução do luto (Escudeiro, 2019).

É relevante que o enlutado aprenda a realizar descrições de contingências ambientais, tendo em vista que análises funcionais facilitarão a compreensão do processo e diminuirão chances de efeitos como culpa (Oliveira, 2014).

3. Ajustar-se a um mundo sem a pessoa falecida. O enlutado é capaz de realizar uma análise dos papéis que eram desempenhados por ele e pelo falecido e passa a desempenhar novas funções, precisando, muitas vezes, desenvolver habilidades. Aqui, também se trabalha a identificação e aceitação de possíveis ganhos que decorreram da morte (e.g., herança, liberdade, atenção).

4. Manter a conexão afetiva com a pessoa falecida. O comportamento do enlutado fica sob controle de características do falecido que não produzam forte sofrimento. Pode falar sobre ele, ver fotos, estar com pessoas e/ou em lugares anteriormente frequentados pelo falecido sem se esquivar, sem sentir a mesma dor e/ou sem negar a perda do ente querido. Além

disso, são geralmente necessárias a programação de contingências futuras, com a busca de novos reforçadores e a reorganização da rotina.

João Claudio Todorov

Formado pela Universidade de São Paulo (USP), em 1962, concluiu o doutorado na Universidade Estadual do Arizona, nos Estados Unidos. Começou a dar aulas na Universidade de Brasília, em 1974. No entanto, já em 1964 e 1965, atuou nesta universidade como instrutor e foi aluno do programa de Mestrado. Segundo da Cunha (2007), ex-aluna, colega de departamento e amiga, antes disso, já havia participado da preparação das primeiras disciplinas, ao lado dos professores Fred S. Keller e Carolina Martusceli Bori, responsáveis pela fundação do Departamento de Psicologia da UnB. Sua participação incluiu traduções de textos (dentre os quais, em colaboração com Rodolfo Azzi, o mais famoso: "Ciência e Comportamento Humano", livro de B. F. Skinner, de 1953, publicado pela Editora Martins Fontes).

Como dito anteriormente, foi reitor da UnB ao longo de 8 anos. Neste período, a universidade passou a oferecer cursos em período noturno e, também, a adotar o Programa de Avaliação Seriada (PAS), em que os alunos realizavam avaliações ao longo dos 3 anos de Ensino Médio, como forma de ingresso à universidade, alternativa ao vestibular em uma única fase. Em 2006, recebeu o título de professor emérito, que é conferido a professores que tiveram grande projeção em sua área. Em 2018, o de Doutor Honoris Causa (i.e., por causa de honra) (Moura, 2021).

Após sua aposentadoria, em 2000, Todorov também deu aulas na Pós-Graduação da Universidade Católica de Goiás (hoje, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás). Montou e coordenou o curso de Psicologia no Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Seu currículo contém estudos e orientações de alunos sobre diferentes áreas da Análise do Comportamento: escolha, autocontrole, economia comportamental, metacontingências e práticas culturais. Todorov afirmava que os analistas do comportamento deveriam associar-se a outros grupos, a fim de ganhar força política e científica, e difundir nosso conhecimento (em termos de método de pesquisa, avaliação e intervenção) (comunicação pessoal, professora Elenice S. Hanna).

Permaneceu como pesquisador associado da Universidade de Brasília e como orientador de mestrandos e doutorandos até os seus últimos de vida. Conforme a doença foi se agravando, as reuniões que ocorriam na UnB, passaram a se realizar em sua casa, e, após a pandemia de COVID-19, dado o alto risco de contágio tendo em vista sua doença de base (DPOC) essas reuniões se davam de forma online.

Nas merecidas homenagens feitas ao Professor, no XXX Encontro Anual da ABPMC evento realizado de forma totalmente online, em 2021, foram lidos relatos de algumas das pessoas que escreveram em seu livro de visitas (explicado abaixo). Importante salientar que desde março de 2019, tendo em vista o contexto da pandemia, a impossibilidade de realização dos

rituais fúnebres, por parte das famílias que perderam seus entes queridos por COVID-19, a área de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19, da Fundação Oswaldo Cruz (SMAPS, Fiocruz, Ministério da Saúde, 2020) sugeriu que fossem elaborados livros virtuais de visitas (que substituiriam o comum livro que fica na entrada das capelas nos velórios). Embora Todorov não tenha falecido por covid, o CaMtos – Centro de Atenção Multiprofissional – e o EncaMtos – Treinamentos e Cursos em Análise do Comportamento – disponibilizaram, em suas redes sociais, maneiras para que pessoas de todo o mundo pudessem prestar homenagens póstumas e condolências à família. Este livro foi entregue à família e está disponível no site do EncaMtos (www.encamtos.com.br) e nas páginas do Instituto de Psicologia da UnB e da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC[3], https://abpmc.org.br/).

Sobre o livro de visitas, no curto período em que esteve disponível para a nossa comunidade assinar, obtivemos 61 relatos, de variados estados brasileiros. No livro e em mensagens públicas privadas, em redes sociais, pode-se observar, além das condolências à família, testemunhos que variavam do "não consigo acreditar, mesmo com sua idade avançada e a doença antiga e grave" até agradecimentos realizados por pessoas que nunca o viram, mas souberam dele por meio de seus professores e textos. De forma geral, a maioria citou que essa morte representava uma grande perda à Análise do Comportamento e à ciência como um todo e, por isso, pode-se dizer que estavam entrando em contato com contingências relacionadas à realidade da perda. Além disso, foi destacado o seu legado e como ele influenciará nossa comunidade para sempre. O lugar do Professor em nossa área continuará a existir, a despeito de sua partida. Pode-se, então, afirmar que, apesar de não substituir totalmente a presença nos rituais fúnebres, a realização de um livro de visitas é útil, permitindo a prestação de condolências e homenagens por parte de pessoas que não tinham uma relação próxima com o falecido ou com a família, ou que moram em outras cidades e não teriam como estar presentes nos rituais fúnebres (SMAPS, Fiocruz, Ministério da Saúde, 2020). Nesse sentido, fica a sugestão de que esses livros possam ser usados em outros momentos, que não apenas uma pandemia, um desastre com múltiplas perdas, dentre outros.

O relato da professora Elenice Seixas Hanna[4], já aposentada pela UnB, no livro virtual, conta-nos um pouco de sua trajetória como aluna, amiga e 'quase membro' da família do Professor. Quem pôde estar presente ao velório, viu sua emoção ao atender ao pedido de um membro da família para dizer algumas palavras para se despedir dele, em nome de seus alunos. Foi muito tocante! Ela relembrou diversos momentos ao lado de

---

[3] Vale ressaltar que a Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental encontra-se em transição para o nome Associação Brasileira de Ciências do Comportamento. Ao longo desta fase de transição, a sigla ABPMC será mantida.

[4] A professora Elenice autorizou, por escrito, a descrição da situação e a citação direta de seu nome.

Todorov, sua paixão pela ciência, sua ideia de que deveríamos publicar todos os nossos resultados de pesquisa (mesmo que não fossem "perfeitos") e para que cada aluno que o tinha como base crescesse para além dele, se transformasse, adquirisse novas experiências e pudesse formar, cada vez mais, melhores analistas do comportamento".

Tendo esse professor como um modelo de educador e cientista, escrevemos este artigo como uma homenagem e como uma forma de registrar seu legado. Este trabalho tem a função de ferramenta para elaborarmos o significado da perda de Todorov para cada um de nós individualmente, além de refletir sobre o impacto dessa morte coletivamente entre os analistas do comportamento. Dessa forma, também esperamos que seja um convite para que novos analistas do comportamento se preparem para tratar de um tema tão relevante para a Análise Comportamental Clínica: o luto.

Considerações Finais

A morte e o luto são eventos tão certos como a vida. Falar mais sobre esses temas, diminuindo o tabu que os cerca, pode contribuir para que nos preparemos melhor para sua ocorrência em nossas vidas e para que sua abordagem seja mais eficiente em nossos consultórios clínicos, unidades básicas de saúde, hospitais, escolas ou em qualquer outro contexto em que se mostre necessário (de-Farias, 2021; Oliveira, 2014).

Esse texto se encerra com uma paródia da música "Sampa" (composta por Caetano Veloso, e lançada em 1978), realizada por Cristiano Coelho e Ana Elisa Valcacer-Coelho, ex-alunos e amigos pessoais do Professor. Certamente, estímulos como a melodia da música, a entrada no Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, ou falar sobre o João com um violão na mão controlarão muitos de nossos comportamentos por um bom tempo.

> "Alguma coisa acontece no meu coração
> Que só quando cruza o IP[5] para ver o João
> É que, quando eu cheguei por ali, eu nada entendia
> Da sua precisa ciência e filosofia
> da sua pesquisa, complexa metodologia
> Ainda não havia para mim o Herrnstein, as suas mais complexas equações
> Alguma coisa acontece no meu coração
> Que só quando fui ao IP conhecer o João"
>
> "Que a morte nos encontre vivos!" (de-Farias, 2015),
> assim como ocorreu com o Professor Todorov.

[5] IP é a sigla do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB).

Fotos do professor podem ser encontradas em sua rede social, em sites de congressos (principalmente, os da ABPMC), no Google Imagens, e em alguns arquivos pessoais de amigos e professores. Tentamos conseguir fotos que não fossem muito facilmente disponibilizadas, para mostrar momentos menos conhecidos de Todorov. Entretanto, não conseguimos muitas. Algumas foram selecionadas por representarem momentos diversos de homenagens ao Professor. A foto mais antiga, refere-se a um encontro entre Fred S. Keller, seu amigo mais velho e mentor, João Claudio Todorov e alguns de seus alunos, na frente do então Laboratório de Análise do Comportamento da UnB. Esta e outras fotografias podem ser conferidas no Material Suplementar desta publicação.

Referências

Adichie, C. N. (2021). *Notas sobre o luto* (F. Abreu, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Alckmin-Carvalho, F., & Pereira, R. F. (2019). A questão dos valores frente à experiência de adoecimento e de morte: contribuições da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 381–398). Curitiba: Juruá.

Arantes, A. C. Q. (2016). *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Arantes, A. C. Q. (2020). *Histórias lindas de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante.

Ariès, P. (1975/2003). *História da morte no ocidente* (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro.

Braz, M. S., & Franco, M. H. P. (2017). Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *37*(1), pp. 90-105. https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016.

Combinato, D. S., & Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, *11*(2), 209-216. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010

Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM 1995/2012 de 09 de agosto de 2012. Dispõe sobre as diretivas antecipadas de vontade dos pacientes.

da Cunha, R. N. (2007). João Claudio Todorov: planejador de contingências para o aprender a aprender e para o aprender a ensinar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *23*(esp.). https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500010

Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz, 2020). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 (SMAPS). Processo de Luto no contexto da COVID-19*. https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-COVID-19

Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz, 2021). P*rocesso de luto no contexto da COVID-19*.

de-Farias, A. K. C. R. (2015). *Plano Terapêutico Singular na Internação Domiciliar: Contribuições da Análise do Comportamento*. 14º Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Assistência Domiciliar. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Centro de Convenções Rebouças. São Paulo, SP.

de-Farias, A. K. C. R., Souza, J. R., Jaime, A. F. de C. C., Prado, J. A., & Córdova, T. de A. (submetido à publicação). Da assistência básica à atenção domiciliar: possíveis contribuições da Análise do Comportamento. Em A. K. C. R. de-Farias, & L. Kirchner (Orgs.), *Aplicações da Análise do Comportamento em contextos de saúde: práticas emergentes*. Porto Alegre: Artmed.

Escudeiro, A. (2019). Perda, luto e psicopatologia. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 373–379). Curitiba: Juruá.

Fernandes, L. (2020). *Testamento vital*. JusBrasil. https://leonardoagfernandes.jusbrasil.com.br/artigos/848784832/testamento-vital#:~:text=%20Testamento%20Vital

Franco, M. H. P. (2007). *Atendimento Psicológico a Vítimas e Equipes. Mesa Redonda apresentada no Segundo Simpósio Brasileiro de Desastres Naturais e Tecnológicos*. Santos.

Freire, A. L. L., Fonseca, F. N., & Santos, L.B. (submetido à publicação). Luto e Análise do Comportamento: perspectivas para a prática clínica. Em L. B. Santos, F. N. Fonseca, & A. L. L. Freire (Orgs.).

Gimenes, L. S. (2012). Análise do Comportamento e outros sistemas. *Boletim Contexto ABPMC*. http://abpmc.org.br/site/boletim/dez12/full.html

Hoshino, K. (2006). A perspectiva biológica do luto. Em H. J. Guilhardi & N. C. de Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 17. Expondo a variabilidade* (pp.). Santo André: ESETec.

Fernandes, V., & Lopes, A. A. (2010, outubro). *Análise funcional de comportamentos de culpa e de enfrentamento de mães e pais enlutados*. Anais da I Jornada de Análise do Comportamento de Bauru. Bauru, SP.

Freitas, J. de L., & Doro, M. P. (2019). Profissionais da saúde frente ao luto: Mitos, dificuldades e possibilidades de enfrentamento. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 399–413). Curitiba: Juruá.

Gimenes, L. S. (2012). Análise do Comportamento e outros sistemas. *Boletim Contexto ABPMC*. http://abpmc.org.br/site/boletim/dez12/full.html

Kübler-Ross, E. (1969/1996). *Sobre a morte e o morrer* (T. L. Kipnis, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Luna, I. J. (2020). Uma proposta teórico metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos de apoio ao luto. *Nova Perspectiva Sistêmica*, *29*, 46-60. https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585

Luz, R. (2021). *Luto é outra palavra para falar de amor - Cinco formas de honrar a vida de quem vai e de quem fica após uma perda.* São Paulo: Ágora.

Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, *37*, 149–155.

Michel, L. H. F., & Freitas, J. L. (2019). A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. *Psicologia USP*, **30**, 1–9. http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180185

Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, *16*, 191–206.

Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecedora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *16*, 259–267.

Moura, J. (2021). Morre ex-reitor da UnB, aos 80 anos. *Seção Eu Estudante. Correio Braziliense*, 07 de julho de 2021. https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/2021/07/4936122-morre-ex-reitor-da-unb-joao-claudio-todorov-aos-80-anos.html

Nascimento, D. C. do, Nasser, G.M., Amorim, C. A. de A., & Porto, T. H. (2015). Luto: uma perspectiva da terapia analítico comportamental. *Psicologia Argumento*, *33*(83), 446–458. https://doi.org/10.7213/psicol.argum.33.083.AO01

Nascimento, C. A. D. do, Silva, A. de |B., Silva, M. C. da, & Pereira, M. H. de (2006). A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. *Revista RENE*, *7*(1), 52-60. http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5369/3928

Nery, L. B. (submetido à publicação). "O luto é o preço do amor" - Diferentes lutos nas relações amorosas. Em L. B. Santos, F. N. Fonseca, & A. L. L. Freire (Orgs.).

Nery, L. B., & Fonseca, F. N. (2019). "As invasões bárbaras", o adoecimento e a morte – uma visão analítico-comportamental. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 341–371). Curitiba: Juruá.

Nery, L. B., & Fonseca, F. N. (submetido à publicação). "Uma Aquarela Que Um Dia, Enfim, Descolorirá" - Os desafios da elaboração do luto em oncologia pediátrica. Em L. B. Santos, F. N. Fonseca, & A. L. L. Freire (Orgs.).

Nicolodi, L. (2020). *Uma análise analítico comportamental do Luto*. Juntos ABPMC – Enfrentamento ao COVID-19. Blog do Grupo de Trabalho da ABPMC para produção e compartilhamento de conteúdos relativos ao enfrentamento do COVID-19, realizado por Analistas do Comportamento. https://juntosabpmc.wordpress.com/2020/06/11/uma=-analise-analitico-comportamental-do-luto/?fbclid=IwAR2GfYq9jsxmTW67gpd8z1V2m7LWNgaYO1WsTC_JNNZDqnWU7MpsuGuu48E

Nunan, A. (2020). *Luto por morte de celebridade: é normal ficar muito triste?* Blog Adriana de Nunan.

Oliveira, D. R. (2014). *Terapia do Luto: Contribuições e reflexões sob a perspectiva da Análise do Comportamento* (Monografia de Especialização em Terapia Comportamental: Teoria e Prática). Hospital Universitário USP, São Paulo, SP.

Parkes, C. M. (1996/1998). *Luto: Estudo sobre a perda na vida adulta* (M. H. F. Bromberg, Trad.). São Paulo: Summus.

Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações.* São Paulo: Summus.

Santos, R. C. S., Yamamoto, Y. M., & Custódio, L. M. G. (2018). Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. *Psicologia*. https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1161.pdf

Silva, C. S. da (2019). Câncer de mama aos 29 anos. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 268–280). Curitiba: Juruá.

Soares, M. R. Z. (2019). Estratégias e temas para a intervenção com cuidadores. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 301–328). Curitiba: Juruá.

Soares, M. R. Z., Corrêa, B. A., Silva, E. L. da, & El Rafihi-Ferreira, R. (2019). Cuidadores de Pacientes com Câncer: Intervenção em Grupo. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Ciências da Saúde: O trabalho de equipes multiprofissionais* (pp. 330–340). Curitiba: Juruá.

Souza, J. L. F. de (2020). *A importância dos cuidados paliativos nas reflexões e decisões acerca da ortotanásia: uma revisão bibliográfica narrativa*. Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, DF.

Torres, N. (2010). Luto: a dor que se perde com o tempo (...ou na o se perde?). Em M. R. Garcia, P. R. Abreu, E. N. Cillo, P. B. Faleiros, & P. Piazzon (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 27. Terapia Comportamental e Cognitiva* (pp. 385–393). Santo André: ESETec.

Veloso, C. (1978). *Sampa. Álbum: Muito - Dentro da Estrela Azulada*. Rio de Janeiro: CBD Phonogram.

Vomero, M. F. (2002). *Morte*. https://super.abril.com.br/comportamento/morte/

Wielenska, R. C. (2010). Pais órfãos de seus filhos: manejo do luto na perspectiva analítico-comportamental. In M. R. Garcia, P. R. Abreu, E. N. Cillo, P. B. Faleiros, & P. Piazzon (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 27. Terapia Comportamental e Cognitiva* (pp. 418–422). Santo André: ESETec.

Worden, J. W. (1988/2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: Um manual para profissionais de saúde mental* (A. Zilberman, L. Bertuzzi, & S. Smidt, Trads., 4 ed). São Paulo: Roca.